

---

## O Modelo de Mineração Extrativista: ameaça potencial à diversidade biológica na Meso-América

### *Movimiento M4\**

Não resta dúvida de que a aplicação do modelo extrativista como opção de “desenvolvimento” por parte dos países contraria os esforços existentes em nível global e regional para reduzir os efeitos da crise climática. Com cinismo e engano, violam-se tratados e a maioria das convenções internacionais mais elementares, com as quais se pretende fazer um mínimo para frear a destruição do meio ambiente e da diversidade biológica.

Sem dúvida, o modelo extrativista de mineração é o megaprojeto de maior impacto territorial que, além de violar os direitos humanos e os bens da natureza, incentiva a concentração e a espoliação de terras e, por isso, é um promotor “natural” da destruição da Mãe Terra.

Em nível mundial, a Meso-América se caracteriza por possuir uma grande diversidade biológica e cultural, não só pela sua milenar história pré-colombiana, mas também devido à localização na zona equatorial, o que resulta em uma grande riqueza de recursos naturais e reserva hídrica, faz dela o lar de espécies endêmicas nativas em risco de extinção e com áreas de vida exclusivas no planeta. Destacam-se seus sistemas montanhosos como a Sierra Madre (Occidental e Oriental), no México, que percorre grande parte do país, a serra dos Cuchumatanes, na Guatemala, e as cordilheiras Vulcânica Central e Talamanca, na Costa Rica (a última também presente no Panamá). Nessas montanhas, a vida é diversificada, a natureza se expressa de forma multifacetada e os povos mesoamericanos contribuíram, com seu manejo e a domesticação de espécies nativas, ao estabelecimento de processos bioculturais históricos. E tudo isso implica biodiversidade.

A riqueza da biodiversidade na Meso-América está em risco por causa de projetos integracionistas de caráter neoliberal como o “Plano Puebla Panamá”, agora chamado de “Projeto Meso-América”, entre outros projetos de integração mercantil, que nada mais são do que planos de empresas e outros atores transnacionais que buscam a mercantilização da natureza a todo custo. O agora chamado “Projeto Mesoamérica” buscar criar progressivamente as condições ideais para que se facilitem os processos de investimento privado nacional, estrangeiro e/ou transnacional. Não é coincidência, então, que se fale da geração de grandes projetos de infraestrutura, como estradas, ferrovias, aeroportos e portos marítimos, além de o aumento de energia ser alcançado através de subestações de megasinas hidrelétricas ou parques eólicos. Sem esses projetos de infraestrutura, comunicação e energia, o investimento seria simplesmente congelado e as empresas não chegariam ou não poderiam operar. Ao mesmo tempo, são necessárias grandes quantidades de recursos naturais como a água, a qual, em alguns casos, como nos projetos de mineração, é um bem essencial para seu estabelecimento e seu funcionamento. Portanto, também não é por acaso que o sistema de integração energética implica homogeneizar a fiação na região, ao mesmo tempo em que cada um dos países avança na desregulamentação de suas leis e regras para fazer, posteriormente, uma nova regulamentação do setor empresarial (1).

---

Essas desregulações têm diferentes efeitos, mas basta observar os milhares de concessões de mineração associadas a projetos de energia, arbitrariamente autorizadas pelos Estados e que ameaçam e violam esse território, para ter uma amostra do que expusemos aqui.

Nesse contexto, os projetos destrutivos da mineradora canadense Goldcorp na região, como a Mina Marlin, na Guatemala, a mina San Martin, no Vale de Siria, em Honduras, ou o complexo de mineração Los Filos, em Carrizalillo, México, são um indicador fiel de como a exploração a céu aberto é a essência da devastação produzida pelo modelo extrativista. Nesses países, a mineração a céu aberto causou a contaminação dos rios como efeito do processo de lixiviação (uso de cianeto de sódio na extração de certos minerais, como ouro, prata e cobre) assim como a geração de grandes passivos ambientais decorrentes de metais pesados tóxicos, causando danos irreversíveis para a saúde das pessoas e animais, e para o meio ambiente.

No entanto, apesar de instituições financeiras, governos e corporações mineiras fazerem grandes esforços para convencer e levar a população a acreditar que a mineração extrativa é a única opção de desenvolvimento, os povos fizeram uso de seus processos pacíficos, democráticos, legais e baseados na autodeterminação para construir diferentes formas de resistência para frear a expansão da mineração e desmistificar o discurso de “progresso e desenvolvimento” que o modelo extrativista vem promovendo e impondo.

O modelo econômico predominante é voraz e mercantilista em relação aos recursos naturais que define como “estratégicos” (água, minerais, ar, terra), buscando simplificar seu significado. Sendo assim, para o modelo extrativista, uma floresta é vista apenas como produtora de madeira e recursos energéticos, e uma montanha é considerada um conjunto de minerais e metais preciosos. Assim, perde-se a visão de integralidade que habita no interior dos ecossistemas. Por sua vez, os povos indígenas, de acordo com sua visão de mundo, consideram historicamente a natureza como um todo, onde há inter-relações de cosmovisão terrenas e sobrenaturais para com florestas, rios e a Mãe Terra como um todo, sendo esta a essência da própria vida. Portanto, não é coincidência que, no modelo extrativo predador, as resistências reajam e saiam em defesa da própria vida, sendo capazes de garantir a existência da grande riqueza natural que permanece na região.

*Francisco Mateo, membro do Conselho dos Povos Maias da Guatemala*

*Miguel Angel Mijangos, membro dos Processos integrais para Autogestão dos Povos*  
***Integrantes do Movimento Mesoamericano contra o Modelo Extrativo de Mineração –M4,***  
<http://movimientom4.org/>. Contato: [info@movimientom4.org](mailto:info@movimientom4.org)